

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 558	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	3120	21 DE JUNHO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$600	2\$300	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

E' com sincero e duplo prazer — o prazer de prestar uma homenagem justissima a um honrado e illustre homem de sciencia, que desde pequeno nos habituámos a estimar e a respeitar, e o prazer de registar uma apothese merecidissima, conquistada por longos annos de indefeso e intelligente trabalho — que dedicamos hoje as primeiras linhas da nossa chronica á sessão solemne, que a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes realisou no domingo passado nas salas da sua sede, no museu do Carmo, um dos museus mais interessantes e curiosos da nossa terra e que, como de ordinario acontece, muito frequentado por estrangeiros e quasi que desconhecido por muitos nacionaes.

Essa sessão, que, pela sua excessiva modestia, o illustre vice-presidente da associação queria indefinidamente adiar, o que não conseguiu por deliberação unanime dos seus consocios, teve por objecto a leitura da biographia do mesmo vice-presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, escripta pelo socio o sr. Costa Goodolphim.

E', além d'uma bella obra de justiça, uma interessante obra litteraria, a do sr. Costa Goodolphim e por ella o felicitamos vivamente.

Fazer a historia d'uma vida tão longa como a do sr. Possidonio da Silva, e tão cheia de trabalhos importantes, feitos todos elles com uma intelligencia notavel e com um desusado zelo e uma acrysolada dedicação peia arte em geral, e pela arte e pela gloria do seu paiz em especial, não é missão de facil desempenho.

O sr. Costa Goodolphim desempenhou se d'ella excellentemente e seguindo passo a passo a vida d'esse trabalhador incansavel, que apesar de ter completado no dia 17 de maio ultimo os seus 88 annos, ainda não deu parte de fraco, compendiou com uma grande felicidade todos os trabalhos mais importantes do seu biographado, apreciando-o com uma grande lucidez de criterio e não esqueceu nenhuma das obras mais meritorias de Possidonio Narciso da Silva sob o seu triplice aspecto de architecto, de archeologo, e de philanthropo.

Como architecto rememorou os seus notaveis trabalhos em França, em Italia, em Portugal, as obras importantes que planeou e dirigiu; como archeologo passou em revista os seus notaveis trabalhos de investigação historica, ajuntou o seu brilhante papel como iniciador e fundador da Associação dos Architectos e Archeologos e como organisador do museu do Carmo; finalmente, como philanthropo lembrou, no meio de calorosos applausos, a parte proeminente que elle teve na criação do Albergue dos Invalidos do Trabalho.

Esta biographia, lida pelo seu auctor, foi ouvida no meio de repetidos e frequentes applausos e ao terminar, o biographado, que muito commovido assistia a essa leitura, foi alvo d'uma entusiastica ovação, que elle agradeceu com lagrimas nos olhos, e com palavras cheias da modestia que é uma das qualidades mais caracteristicas d'aquelle levantado espirito e d'aquelle bello character.

Nós sentimos immenso que um incommodado passageiro nos não permitisse assistir a essa sessão, e associamo-nos sinceramente e calorosamente a

todas as manifestações de respeito e de sympathia tributadas ao sr. Narciso da Silva.

Apezar de não convivermos muito e de passarem annos sem nos avistarmos, temos por elle a mais sentida estima e pelo seu talento a mais profunda consideração.

Guardamos a mais sympathica recordação da sua excellente e alegre camaradagem n'aquella

deliciosa e pittoresca viagem que fizemos á cistania de Guimarães.

Já lá vae um bom par d'annos sobre essa viagem, e um bom par dos nossos alegres companheiros dormem já ha que tempos o grande somno: o marquez de Sousa Holstem, o visconde de Pindella, o Soromenho do curso superior de letras, o Fernando Castiço, e tantos outros.



O SULTÃO DE MARROCOS, SIDI MULEY HASSAN

FALLECIDO EM 14 DE JUNHO DE 1894

O sr. Possidónio Narciso da Silva era com certeza o mais velho d'essa expedição, de que nós, Magalhães Lima e Luciano Cordeiro eramos os mais novos, e apesar d'isso não era elle o menos alegre, o menos jovial e era com certeza o mais madrugador, o mais incansavel, aquelle que estava sempre prompto para fazer as ascensões mais fatigantes, para trepar ligeiro, agil, aos pontos mais altos, menos accessiveis, onde nós os mais novos, os rapazes d'então, só nos aventuravamos por honra da firma, de mãos dadas uns aos outros, como se estivessemos dançando a bicha em marca final de quadilha franceza, dirigida por par marcante sabedor do seu officio.

Como tudo isso vae já longe, com que saudade nos lembramos d'esse bello passeio, e com que prazer nos associamos á homenagem tão sympathica e tão justa, prestada agora pela Associação dos Architectos e Archeologos ao nosso bom companheiro d'então!

Regressou do Porto onde conquistou muitos applausos e onde ganhou muito dinheiro a companhia do theatro de D. Maria.

De todas as peças que ali representou a que teve maior exito, mas um exito enorme, foi a comedia *Os velhos*, de D. João da Camara.

Foi com os *Velhos* que a companhia fez a sua despedida no Porto e essa recita foi uma noite de festa brilhante, porque o publico sabendo que estava no Porto o D. João da Camara fez-lhe uma ovação enorme, perfeitamente excepcional, como excepcional é o brilhante talento do illustre dramaturgo, que tem enriquecido o theatro portuguez com tres peças que são tres obras primas — *Os velhos* — *Alcacer-Kibi* — e o *D. Affonso VI*.

A companhia de D. Maria dá ainda alguns espectáculos em Lisboa, até ao dia 31, dia em que terminam as escripturas dos seus artistas e depois fecha as suas portas até outubro.

Este anno, como as duas companhias que estavam para ir ao Brazil, — uma, a do Principe Real do Porto, com o empresario Celestino, outra, um grupo de artistas recrutados de varios theatros, com o empresario Juca, — desistissem da viagem por causa do conflicto provocado pela fuga dos insurrectos, organisam se para o verão em Lisboa varias sociedades artisticas e uma d'ellas, a do theatro do Principe Real, inaugurou já no domingo a sua epoca de verão com a comedia em 3 actos *Flagrante delicto*, imitação do sr. João Soller da comedia franceza *Monsieur T*, que agradou muito.

No theatro da Avenida está tambem ensaiando o seu primeiro espectáculo um grupo d'artistas.

O illustre actor Valle, acompanhado por outros distinctos artistas do Gymnasio, Beatriz, Cardozo, Marcellino Franco, Virginia Farrusca e Alves, anda representando pelo Algarve.

A companhia do theatro da Trindade, essa já por conta do seu novo empresario o sr. Sousa Bastos, está ensaiando uma revista do anno d'este applaudido escriptor — *Sal e Pimenta*, que deve subir á scena em meados de julho e da qual se dizem maravilhas, tanto da graça do poema como do luxo da *mise-en scene*.

O Colyseu dos Recreios ha tanto tempo fechado, abriu as suas portas no sabbado com uma companhia d'opera italiana da qual fazem parte alguns artistas já nossos conhecidos, como a Vandrell, o baixo Serra, e o barytono Arago.

O theatro de D. Amelia continua a ter grande concorrência com a sua companhia d'opera comica italiana, que tem excellentes artistas que de dia para dia agradam mais, como por exemplo o sr. Aristides Gargano e a sr.^a Suárez.

A *Noite em Veneza* teve um grande exito e a *D. Juanita*, que lhe succedeu no cartaz, agradou tambem muitissimo e com perfeita justiça, pois, está esplendidamente posta em scena e é optimo o seu desempenho.

Agora que estavamos a terminar esta chronica chega-nos uma dolorosa noticia — a noticia da morte do illustre esculptor o sr. Victor Bastos.

O sr. Victor Bastos, professor effectivo de esculptura e estatuaría na Academia Real de Bellas Artes, era um dos nossos artistas mais notaveis e entre as suas obras mais distinctas e que maior gloria deram ao seu nome figura o monumento e estatua de Camões.

Victor Bastos morreu repentinamente, victima d'uma congestão.

Não era ainda velho, pois não completara ainda

60 annos, e a sua carreira artistica foi das mais brilhantes da nossa terra.

Discipulo da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, Victor Bastos tendo terminado o seu curso, concorreu aos 18 annos, ao logar de professor de desenho na Universidade de Coimbra e apesar da sua pouca idade e de ser grande o numero dos concorrentes foi elle o preferido.

N'esse mesmo anno, na exposição de Bellas Artes de Lisboa, o seu nome começou a fazer-se conhecido por um quadro a oleo que expoz intitulado *Amor e Psyché*.

D'ali a 4 annos, na exposição de 1856, expoz uns trabalhos de esculptura que agradaram muito, uns bustos do actor Rosa pae e Rodrigo da Fonseca Magalhães, os medalhões em marmore com retratos dos condes de Mello, e um baixo relevo em gesso — *O Cholera*, trabalho muito distincto, que foi muito fallado, muito apreciado, e que foi adquirido pelo infante D. Luiz, mais tarde rei de Portugal.

Por morte do professor substituto de esculptura na Academia de Bellas Artes de Lisboa, o sr. Araujo Cerqueira, Victor Bastos concorreu ao logar e foi o nomeado, apresentando no concurso dois trabalhos muito notaveis — uma estatua de *Moyses*, e outra representando *Adonis partindo para a caça aos javalis*.

Nomeado substituto em 1860 Victor Bastos foi nomeado effectivo em junho de 1881.

O trabalho que lhe deu mais nome foi o monumento de Camões, mas alem d'esse deve se ao cinzel de Victor Bastos muitas obras notaveis como as grandes figuras lateraes do arco da rua Augusta, a estatua de D. Pedro no asylo dos cegos em Castello de Vide, um baixo relevo a *Degolação dos innocentes*, que figurou em 1867 na exposição de Paris, etc.

A morte veio surprender Victor Bastos quando elle trabalhava n'um busto de Damião de Goes, que deixa por acabar.

O enterro de Victor Bastos realisou-se na terça feira 19 e foi muito concorrido.

A sua morte foi muito sentida e representa uma sensivel perda para a esculptura portugueza.

Gervasio Lobato

A exposição de bellas artes no Athenen Commercial do Porto

A exposição de arte, este anno, está inferior á de outros annos, em que figuraram nomes gloriosos como os de Salgado e Sousa Pinto.

Dado o caracter, puramente commercial, d'estes certames, achamos que elles não tem razão de ser no Porto, onde o numero de artistas é restricto, e pouquissimos aquelles que produzem alguma coisa de verdadeiramente bom.

Assim, se não fosse o auxilio valioso que prestam a essas exposições, não só varios artistas de Lisboa, como alguns que se acham em Paris, taes concursos seriam uma verdadeira miseria.

Demais, havendo annualmente em Lisboa uma exposição de bellas artes, não comprehendemos a necessidade da do Porto.

Emfim a cousa parece estar estabelecida para todo o sempre, epezar mesmo do insuccesso que essas exposições possam ter, como succedeu por exemplo este anno, em que o numero de quadros vendidos, não excedeu talvez a meia duzia.

Feitas estas ligeirissimas considerações, digamos a nossa impressão a respeito dos principaes trabalhos exhibidos.

Principiaremos pelos quadros de José Malhoa, um dos pintores que mais se destaca este anno.

A *ultima gotta*, interior de cozinha rustica, no centro da qual se vê uma creança nua emborcando os restos do conteúdo em uma malga, é um quadro muito harmonioso de côr e que impressiona agradavelmente. A carnção sadia da creança sobresahe excellentemente no fundo escuro do aposento, a attitudo é natural, a modellação firme, e dos accessorios ha alguns muito bem tratados.

Antes da sessão. Um atelier de pintor, no centro do qual se destaca a figura nua do modelo, sentada e vista de costas. Ao fundo, o artista tambem sentado lendo um jornal.

O assumpto não é novo. A figura do modelo, apesar de um tanto academica, apresenta um dorso bem desenhado. As carnes é que offerecem pouca macieza, faltando-lhe até uniformidade de côr. Bem pintado o estofa azulado sobre o qual a figura está sentada, igualmente tratados com cuidado varios pormenores e perfeitamente collocada a figura do artista, ao fundo. O que não se percebe é a razão do tom rubro de fogo, que se

reflete nos vidros da janella. Sol é que não é com certeza. Naturalmente os clarões de alguma fogueira accessa na rua...

Descanso é o mesmo modelo, de pé, visto igualmente de costas. Não nos impressionou bem a rigidez d'aquelle corpo hirto, sem movimento e sem graça. As carnes estão muito melhor pintadas, devido isso á delicadeza da pincelada e o desenho é bem cuidado.

Os ouriços, é outro pequenito nu, sentado no chão, examinando uns ouriços verdes. Tem boa expressão a figura, é muito agradável o tom verde dos ouriços, mas a creança destaca-se pouco do fundo, que não se percebe e que não tem perspectiva. Alem d'isso o pé esquerdo da figura não pausa, estando como que no ar.

Julio Teixeira Bastos enviou dois quadros, o mais importante dos quaes é o que tem por titulo *A missa* um grupo de gente do povo na nave de uma igreja.

Estão bem caracterisados os typos rudes dos dois homens, é muito bem surprehendida a attitudo de todo o grupo, graciosa a figura da rapariga ajoelhada, mas a tonalidade geral da pintura é um tanto suja, sendo igualmente máu o colorido da cabeça do rapaz.

A *Cabeça de estudo* é má como côr e como desenho, não parecendo trabalho de quem pintou o quadro anterior.

Marques de Oliveira destaca-se sobremodo com o seu bello quadro *Ao fim da tarde*, uma rapariga do Minho, descalça, dando de beber, em um riacho, a uma vacca, que segura por uma corda.

Deliciosa a figura da rapariga em todos os seus pormenores. O avental prezo á cinta, o lenço garrido cruzando-lhe os seios, a saia de estopa, emfim aquella physionomia viva e fresca, tudo, tudo, caracteriza admiravelmente a aldeã minhota.

A vacca está igualmente em uma attitudo muito natural se bem que o seu desenho seja um tanto mais frouxo.

No meio d'aquelle delicadeza de tons, d'aquelle correcção de traço, e d'aquelle firmeza de modellação, ha ainda a notar a paizagem, cuja côr é de certo, a dos nossos campos, mas que impressiona admiravelmente pela sua alegria e pelo seu bom ar. Esta ultima parte do quadro preoccupou pouco o artista, que apresenta como que apenas esboçada, dando unicamente a mancha em que faz sobresaahir a figura.

O talentoso pintor, expõe depois uma serie de pequenas paizagens, simples estudos ou meras impressões, em que se revelam magnificas qualidades de visão e de execução. A côr da vegetação é em quasi todas, do mesmo verde claro, mas não obstante isso, a tonalidade geral é excellente magnificos aquelles pedaços de agua em que se reflecte o arvoredo, agradável a nota do vestuario garrido de uma ou outra mulher que anima alguns d'esses quadros, finalmente em todos bem definido e caracterisado o ar livre.

Julio Ramos revela, nos quadros que enviou, os notaveis progressos que tem feito em Paris, onde está estudando a paizagem.

A nosso vêr, será dentro em poucos annos, um dos nossos mais notaveis artistas, no genero.

São sete, os quadros que expõe.

Um *cabula*, um rapazinho da aldeia, que tendo sahido da escola, se vê sentado no chão, examinando um ninho que descobrira em uma arvore proxima.

A figura do rapaz tem um bello movimento, na attitudo atenta e muito natural que apresenta, estando pintada e desenhada em todos os pormenores com muito acerto. A paizagem apresenta boa perspectiva e a vegetação, principalmente no primeiro plano, está muito bem tratada.

O *Marne em charenton*, é um pedaço de natureza montanhosa, na qual sobresahe a figura de um aldeão, descendo. Bem interpretada a vegetação, calculada com cuidado a perspectiva e agradável a côr avermelhada do horizonte, denunciando o entardecer.

Margens do Sena, uma paizagem igualmente impressiva, e que se recommenda sobretudo como mancha.

Um *canto da planicie de Brolles*. É tambem um aspecto de fim da tarde, em que o rubro do horizonte se apresenta talvez demasiado intenso. Bem pintado, especialmente, o peduço de terreno em que se vê o trigo maduro.

Efeito de manhã, magnifica impressão, de uma tonalidade excellente. A paizagem bem pintada e bellos os reflexos do pedaço de agua que sobresahe no quadro.

A *Cabeça de estudo*, é um trabalho menos feliz. O desenho é pouco correcto, apresentando-se inclusivamente torta a physionomia e mal copiados os principaes traços caracteristicos.

Arthur Prat, tem como principal trabalho n'es-

ta exposição, o quadro que se intitula *Uma onda*.

Um extenso pedaço do oceano muito bem perspectivado, e no primeiro plano uma onda desenrolando-se e alastrando-se pela praia. E' bem surpreendido o movimento da vaga, erguendo-se acolá em flócos de espuma ao encontrar um embarço, e desfazendo-se aqui placidamente. Está bem pintada esta tela. Muito justa a côr da agua, em todas as suas cambiantes, e sumamente agradável o especto geral do quadro.

Pensando n'elle. E' um pedaço de serra, agreste, na qual se vê sentada sobre um feixe de urzes uma aldeã, em attitude pensativa. A vegetação está bem comprehendida e bem reproduzida, a perspectiva é boa, a figura pousa bem, mas a physionomia é pouco vigorosa de côr, apresentando um todo vago, que se coaduna pouco com as roupas, melhor pintadas.

Margens de Agueda, um pedaço de paisagem em que se vê apenas o arvoredor, bem tratado. A agua do rio não tem porém transparencia, e os patos que n'elle nadam, movem-se mal, sendo ainda pintados com pouca felicidade.

A cabeça de estudo, é um trabalho regular. Joaquim Victorino Ribeiro enviou um só quadro que tem o sentencioso titulo *A idade de ouro da vida humana*. Duas creanças, uma de cada sexo, brincando junto de um alguidar cheio de agua, e no qual fluctuam uns barquinhos de papel.

A figura do pequenito é muito graciosa. Tem uma excellente expressão, está muito bem desenhada e o colorido é natural e agradável. A figura da pequena, essa é muito peor. A physionomia offerece um grande aspecto de dureza, em consequência do desenho pouco correcto, sendo além d'isso a côr esvaiada e nada sympathica. Os accessorios bem tratados, especialmente a agua do alguidar, perfeitamente diaphana, e na qual se reflectem muito bem os barquinhos.

(Continua)

M. Rodrigues.

Silva Porto e a sua exposição posthuma

Breve a obra do mestre, em grande parte reunida na galeria da Escola de Bellas artes, se dispersará pelos seus possuidores, os amigos e admiradores do mallogrado pintor, não mais terão o prazer de contemplar reunidas as admiráveis telas que eram o encanto das nossas exposições artisticas, mas o nome de Silva Porto, como o de Sequeira e o de Anunciação, encherá uma das raras paginas da historia da pintura em Portugal.

Que tristeza causa ver desertas as salas onde, pela ultima vez, se expõem essas paisagens únicas, que tão expressiva, sincera e docemente, representam a formosa natureza da nossa terra. Essas salas onde estão reunidos a maior parte dos trabalhos d'um pintor notavel que, n'um paiz culto, amante das artes, seria conhecido de todos, por todos chorado, e o publico correria a prestar-lhe a homenagem de admirar-o pela ultima vez. Chega-se o ter pena de que Silva Porto tivesse vivido em Portugal!

Na exposição estão representadas por diversos trabalhos todas as phases da sua curta vida artistica, mas desde o começo o talento se revela indiscutivel, e os estudos e os quadros feitos em França, que elle firmava com o nome de A. Porto, pintados por uma maneira bem diversa da sua ultima, já tem o vigoroso traço, a largueza do desenho, e um cunho de sentimento que lhe granjearam, entre os mestres, uma reputação merecida.

Depois da sua volta a Portugal, Silva Porto percorrendo cada anno algumas das nossas provincias, encontrava em todas motivos para as suas admiráveis paisagens, mas foi o sorridente Minho a que mais o seduzia, com a fresca atmosphera, os campos sempre verdejantes, e os costumes pittorescos, que em trinados alegres cantam a harmonia das côres.

Como elle adorava a primavera! Vejam que de arvores em flor, que de papoulas entre os triques verdes; o seu ultimo quadro, incompleto, são ainda — *Macieiras em flor*. — Tão suggestivos todos elles, que parece sentirmos a caricia tepida da atmosphera amavel. Um mestre e um poeta de coração meigo, de imaginação sonhadora, bucolico e d'um talento tão vasto, que em todos os seus trabalhos se manifesta superior. Era um animista primoroso, na *Arriana*, na *Salmeja*, nos

Campinos, no esplendido quadro *Conduzindo o rebanho*, e em muitas outras telas de menores dimensões, os animaes pintados sábia e amorosamente, d'uma anatomia cuidada, com uma graça natural de movimentos, vivem e exprimem lados tão pittorescos da nossa vida rustica, que uma sympathia espontanea nos attrahe para elles.

Para que veio a morte roubal-o tão cedo? Os seus ultimos trabalhos revelam que chegara ao ponto em que o talento se desenvolve pujante, livre de peias, d'hesitações, de convencionalismos de qualquer ordem, as suas obras primas iam aparecer.

N'aquelle cerebro agitava-se um mundo d'elementos creadores, as suas phantasias de poeta, os seus ideaes d'artista, o peculio de segredos que lhe confiara a natureza, synthetisavam-se para uma gestação suprema, e todo o ardente calor que o animara, ao esforço incansavel d'um trabalho constante, foi perder-se entre os infundiveis gelos de uma sepultura!

Ha na exposição telas admiráveis e tantas merecem este nome que mal podem mencionar-se. Grupos d'arvores sob uma atmosphera de limpidez radiante, campos risonhos de frescura primaveral, deliciosos crepusculos matutinos a beira dos rios de que os humidos vapores se enovelam, scenas rusticas vistas com os olhos d'alma, e traduzidas por um pincel sincero, figuras esboçadas com vigor e graça.

Na sua obra não ha saltos, intermitencias, desanimos nem desleixos; vae progredindo á medida que os annos e o estudo o amadurecem, mas afirmando-se cada vez mais, sempre o mesmo, inalteravel, sereno como quem logo de principio encontra o caminho que ha-de levar o ao seu fim; avança sem receios seguindo sempre, no olhar o entusiasmo e no coração a bondade.

O seu ultimo grande quadro — *Conduzindo o rebanho* — é uma obra superior d'um artista completo; censuram-lhe reproduzir com demasiada verdade a natureza, mas Silva Porto concretisava as suas impressões, os seus trabalhos não tem o vago de um sonho, elle via justo, amava a realidade sincera das coisas, e sinceramente reproduzia o que o impressionava.

A — *Barca de passagem* — é um dos mais bellos trabalhos do artista, um pedaço do pittoresco e alegre Minho, pintado com a exactidão, com que se pinta o retrato da mulher amada, ninguém assim surprehenderia os mais suaves encantos, ninguém podia dar-lhe brilho e colorido igual.

A *volta do mercado* — *As ceifeiras* — *A porta da venda* — e tantos outros formam uma formosissima galeria que aureola o nome de Silva Porto e nem um só é propriedade do nosso Museu nacional, onde nenhum dos artistas que mais distinctamente honram a nossa arte devia deixar de estar representado.

Percorrendo a exposição a cada passo se encontram bocados de pintura que nos attrahem irresistivelmente, algumas das suas paisagens transportam nos a logares que já vimos ou souhamos, ha figuras que encantam pela sua extraordinaria graça rustica, como a admiravel — *Cabeça de camponesa* — que tem o numero 169, e pertence a Sua Magestade El Rei, e o esboceto a — *Poveira* — que caminha, a rede ao hombro, avançando para o espectador com movimentos rapidos, admiravelmente desenhada.

Ha um retrato de senhora d'um grande valor. Pena foi que viesse á exposição a photographia d'uma pessoa de familia, colorida por Silva Porto, n'alguma hora de comprazimento, e que deslustra o conjunto de primorosas obras d'este que a cercam. Como mais uma prova do merito de Silva Porto, retratista, está um pequeno retrato do sr. Monteiro Ramalho, e, a um canto, um bustosinho de mulher apenas indicado, mas tão mimoso e fresco que delicia vel-o.

A commissão que presta esta dupla homenagem ao malgrado artista, dupla por que o producto das entradas é destinado á elevação do seu monumento, merece os maiores louvores pelos esforços feitos para juntar um numero de trabalhos de Silva Porto, que permittisse ao publico analysar a bella e vasta obra d'este grande pintor.

Não conseguiu tudo o que desejava, pela difficuldade de reunir os quadros dispersos, muitos pelo Brazil e outros por differentes possuidores, que não comprehenderam o alcance da exposição; mas ainda assim o conjunto representa brilhantemente o mestre, que tão poderoso influxo teve sobre os nossos pintores, seus contemporaneos, e cujo nome ficará glorioso e amado.

Lisboa, 10-6-94.

B. Sesinando Ribeiro Arthur.



AS NOSSAS GRAVURAS

MORTE DO SULTÃO DE MARROCOS SIDI MULEY HASSAN

O acontecimento mais notavel d'estes ultimos dias, foi a morte do Sultão de Marrocos, que o telegrapho noticiou no dia 12 do corrente, noticia que veio levantar justos receios, pela alteração da ordem, n'aquelle imperio e não menos razoaveis apprehensões sobre a sorte d'aquelle paiz, attentas as ambições de proponderancia que as diversas nações da Europa tem sobre aquella parte d'Africa, onde Portugal foi o primeiro a preponderar.

Todos estes receios eram bem fundados, porque é certo que todas as vezes que em Marrocos morre o monarcha, succedem sempre graves disturbios por causa da successão, visto que ha tantos pretendentes quantos forem os filhos do fallecido, e todos aspiram ao poder, pondo para isso em campo todas as influencias de que podem dispôr.

Ainda, em 1859, quando morreu o Sultão Abderahman, pae do Sultão agora fallecido, foi preciso a intrevenção de Portugal para se serenarem os animos e obstar á lucta eminente que se ia travar em Marrocos por causa da successão.

Foi a Tanger uma esquadriha portugueza, sob o commando do Infante D. Luiz, depois rei, e isso bastou para que fosse proclamado o novo Sultão, e ficasse tudo em socego.

Agora porém, parece que tudo se passará em boa ordem, porque o novo Sultão Muley Abd-el-Aziz, filho mais novo do Sultão fallecido, tem sido geralmente bem recebido, tanto pelos seus subditos como pelas potencias estrangeiras.

No entanto algum movimento se operou nas esquadras franceza, ingleza e hespanhola, e de Lisboa partiu para as aguas de Tanger o cou-raçado portuguez *Vasco da Gama*.

O filho mais velho do Sultão de nome Muley Mohamed, não ficou impassivel ao vêr-se desherdado e procurou sublevar algumas povoações contra seu irmão, mas segundo parece, pelas noticias recebidas até ao presente, não conseguiu os seus intentos, e antes pelo contrario tem sido bem recebida a proclamação do novo Sultão.

Para isto concorre a circumstancia do novo sultão, ser de uma indole opposta á do seu irmão mais velho que é sanguinario e perseguidor feroz dos judeus a quem atira, nos campos, como a qualquer peça de caça, sendo muito limitada a illustração do seu espirito, pouco apto para o elevado cargo de chefe de uma nação.

O reconhecimento d'estas ruins qualidades, fez que seu pae o desherdasse da successão e indicasse para seu successor o filho mais novo, fructo dos seus amores com de fina educacão, extremamente formoso e de uma educacão que ha mais de 16 annos era a sua favorita.

Fallemos agora do sultão fallecido, deixando para outro artigo o referirmo-nos mais detidamente ao novo sultão, acompanhando o com o retrato que esperamos obter.

O sultão fallecido Sidi Muley Hassan, ou Muley Hamede, nasceu em 1840 e descende da familia Filelis, oriunda de Fafite onde se venera o túmulo do fundador da dynastia.

A sua subida ao throno, foi em 1859, como ficou dito, e nos 35 annos do seu governo, procurou sempre estar em boa harmonia com as potencias da Europa, assim como com o seu povo recorrendo só aos ultimos extremos forçado e contrafeito, porque a sua indole era boa e pacifica.

Ainda no ultimo conflicto com a Hespanha, mostrou os seus bons desejos de conciliação, o que alcançou pondo termo a uma guerra que se para a Hespanha era comprometedora, não o era menos para o seu paiz, pelas complicações que trazia e que poderiam decidir da sorte de Marrocos a ponto de ficar retalhado pelas potencias.

Muley Hassan, foi, um monarcha prudente, e se não foi tão habil que melhorasse a sorte do seu paiz fazendo o entrar no caminho da civilisação, deve se ter em vista os apertados limites da sua religião, intransigente e do seu povo fanatico, em opposição a todas as coisas da civilisação Europea.

É tudo o que podemos dizer do governo de Muley Hassan, pois se outros actos ha da sua vida de monarcha, são ignorados cá fóra, tão occulto é o viver interno d'aquelle povo não obstante estar n'um extremo da Europa civilisada.

A RAINHA EM S. PEDRO DO SUL



S. M. A RAINHA D. AMELIA

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

A villa de S. Pedro do Sul essa formosa Cintra da Beira, tem estado este mez em plena festa, com a estada de S. M. A Rainha D. Amelia dentro dos seus velhos muros desde o dia 5 do corrente em que para ali partiu.

A excellencia das suas aguas thermaes e o aprazivel e pittoresco do sitio, não podia deixar de ser preferido pela Rainha para fazer all' uso das aguas, necessario á sua preciosa saude.

Segundo a tradição, já El rei D. Alfonso Henriques fez uso d'estas aguas, depois do ataque de Badajoz, em que fracturou uma perna, pelo que ficou achacado de rheumatismo e froxidão. Para curar-se d'estes achaques foi ás aguas de S. Pedro do Sul durante alguns annos acompanhado de suas filhas D. Urraca e D. Matilda, e tão bem se deu com o uso d'estas aguas, que mandou fazer

duas piscinas, uma para homens e outra para mulheres para n'ellas se darem banhos.

A existencia de algumas inscrições romanas fazem crer que no tempo em que os romanos dominaram na península, já estas aguas eram conhecidas e exploradas.

Hoje um edificio regular offerece maiores commodidades aos doentes que ali concorrem, e quando é uma rainha que escolhe estas aguas para seu tratamento, a realza dá-lhe o maior prestigio que podiam alcançar.

A viagem de Sua Magestade até S. Pedro do Sul, foi uma viagem festiva, aclamada pelo povo de todas as terras por onde a rainha passou, com as acclamações mais espontaneas e entusiasticas.

Em S. Pedro do Sul, tem-se observado uma constante romaria dos povos da provincia que vem saudar a augusta princeza, com as suas danças e cantares.

Alli se manifesta a boa alma do povo e o quanto elle venera e estima os seus monarchas. A Senhora D. Amelia por sua parte tem correspondido generosamente: a todas aquellas demonstrações, com os thesouros do seu coração bondoso, sentindo-se feliz entre aquella boa gente.

Ao palacio do sr. conde de Reziz transformado em Paço Real, tem ido varias deputações apresentar as boas vindas a Sua Magestade e em frente do paço, muitos grupos populares tem ido bailar os seus bailes e fazer os seus descantes com grande aprasimento da excelsa princeza.

A villa de S. Pedro do Sul e seus arrebalde offerece os mais lindos pontos de vista e as mais pittorescas paisagens, que lhe mereceram o titulo de Cintra da Beira. Por toda a parte abundante vegetação reveste os seus montes e valles formosos, e a Rainha tem visitado todos os pontos mais pittorescos e tirado desenhos para os seus albums, assim como costumes do povo, em que sobresaem principalmente os trages e elegancia das suas moças.

No dia 13 Sua Magestade fez uma visita a Vizeu, onde foi recebida no palacio do Arco preparado para esse fim, e onde lhe foi offerecido pela municipalidade um almoço á portugueza.

Na tarde d'esse dia assistiu a uma tourada na Cava de Viriato, recolhendo depois a S. Pedro do Sul.

A visita de Sua Magestade a S. Pedro do Sul, tornou-se um verdadeiro acontecimento para a

provincia da Beira, acontecimento que não podemos deixar de registrar em nossas paginas como um facto notavel que mais estreita os laços entre a monarchia e o povo e as justas sympathias que a gentil e bondosa princeza, que hoje partilha dos destinos da nossa patria, tem sabido captivar com as inexciveis qualidades da sua alma candida, do seu coração compassivo, sempre prompto a enchugar todos os prantos, e socorrer todos os infelizes.

Bem haja a Rainha de Portugal.

A fuga dos emigrados brasileiros

Illustramos hoje as nossas paginas com algumas gravuras relativas á fuga dos emigrados brasileiros de bordo do vapor *Pedro Tercero*, que nos parecem interessantes.

Como se sabe, os navios de guerra portuguezes *Afonso de Albuquerque* e *Mindello* não tendo as accomodações necessarias para conduzir á Europa os emigrados brasileiros, que se haviam refugiado a seu bordo, nem mesmo para os conservar ali até que algum outro navio portuguez os fosse buscar, tornou de immediata necessidade o fretar um navio com a capacidade precisa para aquelle fim e que mais prompto estivesse.

N'estas condições foi fretado o vapor *Pedro Tercero* que em Montevideu recebeu a seu bordo os emigrados brasileiros de bordo dos navios portuguezes, ao tempo fundeados n'aquelle porto, depois de já terem estado em Buenos-Ayres, onde uma tentativa de fuga dos emigrantes os obrigou a sahir.

A tentativa de fuga que em Buenos-Ayres poude ser frustrada, repetiu-se com melhor exito em Montevideu, achando-se todos os emigrados já a bordo do *Pedro Tercero*. Realisou-se de noite, e segundo as declarações feitas pelo commandante, e já conhecidas do publico, foi levada a effeito por meio de embebedarem a guarnição do navio com aguardente narcotizada e tendo previamente feito barricada á porta do beliche do commandante da força portugueza, quando este estava dormindo.

Assim dispostas as coisas, os emigrados saltaram para canoas, e outros deitaram-se a nado, indo para bordo de pequenos vapores que os con-



A VILLA DE S. PEDRO DO SUL.

(Copia de uma photographia do sr. Rocha)

A FUGA DOS EMIGRADOS BRAZILEIROS

duziram a terra, não chegando a fugir todos, porque antes d'isso lhe sustou a completa fuga parte da guarnição e o commandante portuguez, que a muito custo pôde sahir do beliche onde estava encurralado.

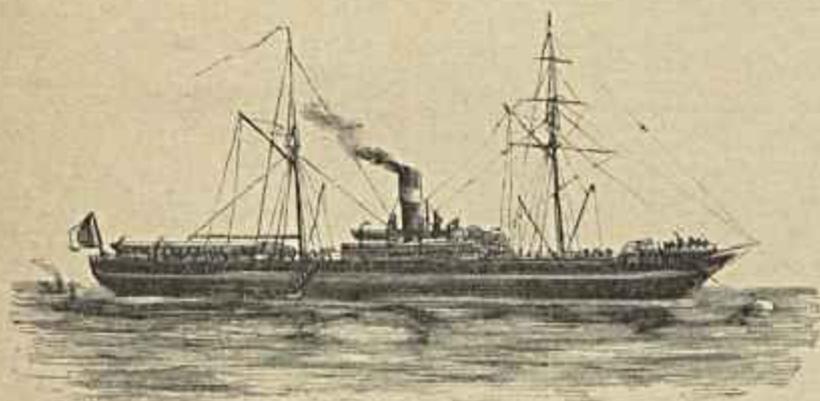
O porto de Montevideu onde isto se deu, é um bello porto de mar, onde se encontra sempre grande quantidade de navios que andam no trafego commercial com a republica do Uruguay, de que Montevideu é a capital.

Montevideu ou cidade de S. Philippe, está situada no grande Rio da Prata, 250 kilometros ao N. E. de Buenos-Ayres, com proximamente 70.000 habitantes, sendo terra de bom clima e onde ha uma importante colonia portugueza.

O vapor *Pedro Tercero* que conduziu o resto dos emigrados



CIDADE E PORTO DE MONTEVIDEU



O VAPOR «PEDRO TERCERO»

os emigrados brasileiros, e onde os foi buscar o vapor *Angola*, como se disse no artigo do numero antecedente, está situada no Oceano Atlantico do Sul, a 1.600 kilometros S. O. do Cabo das Palmas (costa da Guiné), 2.335 kilometros E. do Cabo de S. Roque (costa do Brazil), 1.335 kilometros N. O. da ilha de Santa Helena; entre $7^{\circ} 54' 30''$ a 8° latitude S. $16^{\circ} 37'$ a $16^{\circ} 54' 50''$ longitude O. de Paris. A ilha é de forma elíptica, me-

dindo no seu eixo maior de E. a O. 13 a 14 kilometros.

Esta ilha segundo uns geographos foi descoberta pelo portuguez João da Nova, em 1501, e segundo outros pela esquadra de Affonso d'Albuquerque no seu regresso da India a Portugal, em 1503.

E' certo, porém, que os portuguezes nunca tomaram posse d'esta ilha, que por quasi tres seculos, foi apenas uma paragem para os navios que alli passavam fazer agoada.

A ilha é relativamente de origem recente, vulcanica, de superficie muito irregular, sendo o seu aspecto esteril e triste. O seu pico mais elevado, situado a E. e que faz parte das Montanhas Verdes, tem a elevação de 860 metros, e avista-se a 60 kilometros de distancia da costa. Do eixo d'este pico observam-se uns quarenta cumes de montes, na ilha, crateras de vulcões extinctos. A pouca cultura que tem é feita nas montanhas Verdes

á ilha da Ascensão, é um navio construido em 1860, nos estaleiros dos srs. Napier & Sons, em Glasgow. Já teve os nomes de *Conde de Vilana*, *Clarís* e *Hecla*. Com este ultimo nome e sob a bandeira ingleza esteve muitas vezes no porto de Lisboa.

Actualmente pertence á praça de Buenos-Ayres e arvora a bandeira argentina.

Quando foi fretado pelo governo portuguez içou bandeira portugueza e flamula, e sob esta bandeira desempenhou a commissão para que se contractou.

O vapor *Pedro Tercero* tem 108,90 de comprimento, 11,88 de largo e 8,25 de pontal, com 2.872 toneladas e da força de 270 cavallos nominaes.

Já foi vapor de passageiros, mas ultimamente empregava-se em transportar gado, para o que desmanchou os camarotes. Este navio está sufficientemente velho, com os escaleres podres, incapazes de serviço, o que não impediu que se fretasse por preço bastante elevado.



A ILHA DA ASCENSÃO

A ilha da Ascensão para onde o *Pedro Tercero* conduziu

onde a temperatura é muito agradável, sendo aliás o clima de toda a ilha saudável e temperado.

Abundam n'esta ilha as tartarugas verdes, que constituem a principal alimentação dos seus poucos habitantes e de que se fornecem também os navios que ali arribam. Algumas d'estas tartarugas chegam a pesar 500 kilogrammas.

O unico ancoradouro da ilha da Ascensão é o da bahia de Clarence ou Sandy Bay, na sua costa de N. O. Em 1701 naufragou aqui Dampier com o seu navio *Rosbach* e desembarcando com a tripulação, viram-se todos arriscados a morrer à sede, valeu-lhes o seguirem umas cabras até ás Montanhas Verdes onde descobriram agua doce.

Estes naufragos depois de permanecerem por algum tempo na ilha foram avistados por um navio da sua nação que os conduziu a Inglaterra, e o governo inglez considerando aquella occupação accidental dos seus nacionaes, como uma tomada de posse, assim o declarou oficialmente.

Desde 1815 que a ilha da Ascensão está na posse dos inglezes, occupada por uma pequena força militar, que é rendida de tres em tres annos.

Serve de deposito de carvão para a marinha de guerra ingleza que cruza na Africa e de aguada para os navios, para o que foi feito um canal que conduz as aguas das Montanhas Verdes.

Não tem população da ilha e muito rara vegetação.

Ha poucos tempos foi construido n'uma collina arborizada a 600 metros de altitude um hospital *sanitarium* para tratamento de convalescentes e mudança d'arés dos soldados enfermos nas costas da Guiné.

Eis o que é a ilha da Ascensão a que os ultimos acontecimentos no Brazil veio dar nomeada, podendo nós verificar que esta pequena ilha a que também se dá o nome de Trindade, é mais uma terra descoberta pelos portuguezes, que a deixaram abandonada, mas que os inglezes aproveitaram achando-lhe alguma utilidade.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUIZIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do n.º 507)

V

Não se limitavam á amizade e conhecimento com alguns ecclesiasticos de respeito as demonstrações que Villa Real dava de bom catholico, porque por outro lado amudava as practicas religiosas e a frequencia das egrejas; em prova do que basta considerar-se que só no limitado espaço de seis mezes que esteve solto em Lisboa ouviu nada menos de vinte e três sermões, a saber: dois em Santa Clara, dia da Ascensão e no domingo seguinte; dois do padre frei Domingos de S. Thomaz, um dia de Santo Antonio na Esperança e outro na Annunciada, na profissão do irmão do marquez de Gouvea; cinco do padre frei Manuel de S. José, da ordem de Santo Agostinho, dois na Magdalena, dias de S. Pedro e de Santa Anna, um na Encarnação, outro na Esperança dia das Chagas de S. Francisco e outro dia de S. Lucas, á tarde, na egreja de S. Thilago; quatro do padre Ardizone em S. Nicolao, S. Julião, Loreto e na Companhia de Jesus; dois na Conceição, um do guardaõ de Xabregas, e o outro do padre Antonio Vaz de Sousa, dia de S. Jeronymo; dois na egreja dos Irlandezes, de um conego de Cochim, e do padre frei Jeronymo da Fonseca, da ordem dos Prégadores; um do padre D. Prospero, de S. Vicente de Fóra, dia do Corpo de Deus, em S. Nicolao; um do padre frei Jeronymo de Moura, dia de S. Lourenço, na quinta de D. Antonio da Cunha; um do padre Saraiva em S. Roque, dia de Santo Ignacio de Loyola; um do padre frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, na Misericordia, dia de Santa Isabel; um do padre Antonio Vieira em Xabregas, nas exequias de D. Maria de Athyde; e um na Trindade, dia do Corpo de Deus.

Não é menos abundante a lista dos seus escriptos n'este breve periodo; são elles: uma resposta em francez a uma carta que contra Portugal se publicara em Hollanda, a qual traduziu em portuguez para que a visse o Principe D. Theodosio; uma relação do ultimo successo do Brasil e outra do de Olivença, ambos feitos por ordem de S. M. e com as memorias que lhe deram os secretarios d'estado e de guerra, a qual imprimiu; uma memoria sobre o sal do reino que os hollandezes queriam tomar á sua conta; outra sobre o consulado se entregar aos mercadores e sobre os meios como podia haver navios que defendessem a costa; outra sobre navios inglezes que deviam ir n'aquelle anno á India; outra exhortando D. João d'Áustria a subir ao throno de Napoles, que se devia imprimir por ordem de S. M.; outra sobre Irlanda e soldados que d'alli podiam vir; outra sobre a commissão para que estava despachado, de bastante importancia; e outras muitas advertencias que mereceram dizer-lhe S. M. que as agradecia por serem de consideração.

Além d'estas obras de caracter official, trabalhava n'uma chronologia universal do mundo, que principiara havia vinte e dois annos, interrompera longo

tempo e continuára muito depois, a instancias do marquez de Niza, o qual a viu e louvou, lembrando a convicencia de ser dedicada ao Principe D. Theodosio, pela grande aflicção que tinha aquella materia, e da qual mo-trara alguns cadernos ao padre frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que a approvou igualmente. Planeava compor também uma decada do segundo governo do conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, como vice-rei da India. Fóra o marquez de Niza que a isso o levava, e já tinha umas sessenta folhas escriptas de memorias para ella. Pretendia outro-sim fazer e publicar uma historia do rei de França, Luiz XII, com tudo o que tocava áquelle reino, da qual já escrevera muitos cadernos, e uma historia geral do mundo e em particular da Europa desde 1640, cuja repartição já se achava prompta.

Vimos pouco acima que Villa-real estava despachado para uma commissão; ignoramos qual fosse; apenas consta que por ella receberia quarenta mil réis mensaes, e que, desempenhada, devia tornar ao reino, na primavera. O que sabemos com certeza é que, tendo alcançado dos mercadores de Lisboa o direito que se lhe havia de dar do consulado, procurou tirar confirmação do logar e o requereu, mandando-se o requerimento ao Desembargo do Paço, o qual a 27 de Outubro determinou que se passasse o competente alvará; que pretendia o titulo de agente de S. M. em França e ordenado para continuar no serviço, e uma capella em recompensa dos que fizera; que entregara os papeis d'esta ultima pretensão ao secretario Gaspar de Faria Severim, em 28 de Outubro, e que a Junta dos Três Estados o nomeara para cuidar em França de tudo quanto lhe tocasse a respeito de alistamento de soldados, compra de cavallos e mantimentos e cobrança de dividas. Também fóra commissionado pela Companhia de Commercio para tratar dos seus negocios em França, ou então, ou antes de vir para Portugal, encargo para elle de grande utilidade.

Estavam pois satisfeitas ou quasi a satisfazer-se as suas pretensões; breve deixaria o solo da patria e breve, fora de seus perigos, tornaria a viver livre entre extranhos, já que a intolerancia, o fanatismo e paixões sordidas não consentiam que vivesse livre n'elle. Mas n'este meio tempo a Inquisição preparada com elementos novos e mais poderosos de ataque, urdia na escuridão os laços tenazes com que havia de prendel-o e sacrificial-o. O principal d'esses elementos é repuznante e inesperado; teve por movel uma paixão particular, vil e mesquinha; e partiu de um homem que estamos costumados a respeitar, que bem serviu a nação com os seus escriptos, e cuja sciencia, depois de admirada na sua epocha, até hoje entre os povos mais cultos se reflecte; referimo-nos a frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Tinha este religioso estado em França com o marquez; tinha morado em sua casa juntamente com Villa-Real; tinha com ambos vindo para o reino; e entre elle e Villa-Real tinha-se estabelecido uma certa má vontade, que transparece n'algumas palavras dos depoimentos do ultimo, e que no padre attingiu as proporções de odio declarado. Deram-se mesmo desavenças entre os dois; uma vez á ceia, em França, na casa do marquez, até chegaram a termos offensivos, e Villa-Real, segundo parece, de genio violento e prompto de mãos, descompol-o diante dos familiares. É verdade que, serenada a tempestade, como serenariam outras, conviveram bem na apparencia; é verdade que continuaram de longe a longe entre ambos umas certas relações litterarias; é verdade que Villa-Real chegou a consultar frei Francisco sobre pontos duvidosos e a mostrar-lhe as suas obras; mas por baixo d'aquella superficie enganadora corria sempre ameaçador e torvo o rio da malquerença. Encolerisado frei Francisco jurou em varias occasiões que se havia de vingar, sendo decerto algumas d'essas, quando Villa Real lhe censurou o fazer e dedicar versos aos senhores francezes para lhes apañhar dinheiro, e quando, ao saber que o padre ia a Saint Germain pedir-o á rainha, então regente, por uns escriptos que compuzera em seu louvor, mostrou ao marquez a inconveniencia e a vergonha de semelhante acção, pelo que o marquez lhe prohibiu a viagem. Ignoramos se, depois de estar em Lisboa, accresceram novos motivos de inimidade; o caso é que três mezes quasi após a chegada, frei Francisco procurou o inquisidor-geral e denunciou-lhe o seu antigo companheiro, não proseguindo então nas diligencias, diz elle, por julgar que Villa-Real voltava a França, onde não seria de tanto prejuizo; passados porém três mezes, constando-lhe que ficava em Portugal, denunciou-o novamente em 15 de Outubro na Mesa da Inquisição, temendo o grande damno que traria ao paiz pelas protecções de que dispunha e pelas suas relações com pessoas desaffectedas ao Santo Officio.

(Continúa)

Ramos-Coelho.

O LIVRO DO SR. DANVERS SOBRE A INDIA PORTUGUEZA

A respeito d'este livro, encontramos no *Boletim Official do Estado da India* a seguinte participacão que o sr. J. A. Ismael Gracias, dignissimo bibliothecario da Bibliotheca Publica de Nova Góa, fez ao governo da India, da sua acquisição para a referida bibliotheca que nos parece interessante por accentuar certos pontos que mais importam ao estudo da historia da India Portugueza.

Report on the portuguese records relating to the East Indies, contained in the archive da Torre

do Tombo and the public libraries at Lisbon and Evora, — apresentado ao secretario de Estado da India em conselho, por F. M. Danvers, superintendente dos archivos da *India Office* em Londres.

O sr. Danvers foi encarregado pelo secretario de Estado da India, de ir pessoalmente investigar nos archivos da nossa metropole todos os documentos relativos á historia dos portuguezes no Oriente. Soberanos actualmente de quasi todo o Hindostão, onde, aliás, d'entre as nações europeas, são mais modernos, os inglezes estão, de ha muito, accumulando com sollicitude, digna de ser imitada, materias para a historia completa da India. Ao importante *Imperial Gazetteer* de sir W. W. Hunter, no qual, na parte referente a Góa, collaborou o prestante escriptor indigena José Nicolau da Fouseca, natural de Colvalle, conselho de Bardez, — á notavel obra de Eliot e Dawson acerca da dominação mahometana, — seguiu a indicada missão do sr. Danvers, no intuito de explorar por miudo os archivos portuguezes, sendo agora mandado para Haya, a fim de colligir subsidios authenticos para a historia da dominação hollandeza, sem embargo de ter sido fugaz e escassa.

O illustre funcionario esteve em Portugal por duas vezes — em 1891 e 1892 — examinando, com permissão do governo, o archivo da Torre do Tombo, — a Bibliotheca Nacional de Lisboa onde perquiriu as valiosas colleções do Marquez de Pombal e do antigo Conselho Ultramarino, — a Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, — e a Bibliotheca Publica de Evora, onde conseguiu ver grande copia de MSS. na vasta e inestimavel colleção, legada áquelle instituto pelo douto Cunha Rivara, cujos benemeritos serviços á historia do Oriente portuguez justamente reconhece e aprecia.

É o resultado das suas laboriosas e diligentes pesquisas que o sr. Danvers apresenta em XI — 168 paginas, extractando muito summariamente os principaes documentos que encontrou, alguns dos quaes vulgarisam factos pouco conhecidos. Assim, por exemplo: — que, depois de el rei D. Filippe 2.º de Castella assumir a regencia de Portugal, os dois governos das respectivas possessões se conservaram separados e privativos, provendo-se tão — somente em portuguezes os cargos publicos das provincias portuguezas, conforme as promessas feitas por aquelle soberano ás côrtes de Thomar: — que a planta do algodão foi introduzida em Góa pelo vice rei Conde da Ega, etc. Refere igualmente o occorrido sobre a cessão e entrega da ilha de Bombaim aos inglezes, entrega que o vice rei Antonio de Mello e Castro fez, depois de insistente recusa, justificada com boas razões. Acrescentarei que, no archive da secretaria ao digno cargo de v. ex.ª, existe o traslado de todo o processo concernente a mesma cessão, e muitos documentos se encontram parcialmente publicados nas *Memorias* de M. J. Gomes Loureiro, — nas *Collecções de Tratados*, de Borges de Castro, tomo 1.º, e de J. Biker, tomo 3.º (Asia e Africa) — em notas de C. Lagrange ás instrucções do Marquez de Pombal — e nas de Cunha Rivara ás *Memorias* do desembargador G. de Magalhães.

Na Torre do Tombo, descobriu o sr. Danvers o *Foral Original* de usos e costumes dos gancares e lavradores de Góa, compilado e promulgado em nome de El-Rei, aos 16 de setembro de 1526, pelo vedor de fazenda Afonso Mexia. É conhecido o valor d'esse compendio basilar da legislação das comunidades agricolas, embora na actualidade represente apenas um facto historico. Foi aqui publicado por F. Nery Xavier e Cunha Rivara, servindo se das copias tiradas no seculo XVIII dos primitivos (?) registos, e existentes na secretaria do governo, no cartorio da fazenda e no archive da relação; mas havia divergencias sobre algumas palavras, resultante de erros de copia, — divergencias que é agora facil resolver á vista do original.

Não se limita só á India o trabalho do sr. Danvers, que alcança até aos fins do seculo passado; — extendê-se ás operações portuguezas no Mar Vermelho e no Golpho Persico, — em Ceylão e Malaca, — em Macau e Timor, — na China e no Japão. É para notar apenas, que os documentos não sejam transcriptos *in extenso*, como nós praticamos em semelhantes publicações.

Dá também o sr. Danvers a noticia de ter visto na Academia Real das Sciencias tres massos de cartas dos jesuitas da Asia, dirigidas, entre 1544 e 1569 inclusive, ao superior da Companhia em Lisboa, — cartas a que attribue muito prestimo. Releva, porém, observar que, a juizo de insuspeitas autoridades, as narrativas de religiosos nem sempre são acceptaveis como fontes puras de in-

formação dos factos que referem ou commentam. Ainda ha pouco, o sr. Sant'Anna Nery, escriptor residente em Paris, publicou no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, n.º 42 de 12 fevereiro do corrente anno, um artigo bibliographico sobre o jesuita portuguez João de Bettendorf, concluindo *ipsis verbis* pelo seguinte:

« Na secção dos manuscritos da bibliotheca nacional de Lisboa — que me foi franqueada com intelligente cortezia pelo modesto sabio portuguez, o sr. Gabriel Pereira, — depáram-se-me duas cartas de frei Christovam de Lisboa, custodio da provincia do Maranhão na ordem de S. Francisco, contemporaneo do padre João de Bettendorf e irmão do celebre antiquario lusitano Manoel Severim de Faria.

« E crevia elle ao irmão (manuscrito infolio), felicitando-o pelas suas publicações, e em uma d'ellas dizia: — com tudo heivos de fazer hila advertencia que, em materias de barra afóra, vades muito attento, não vos fiando facilmente de relações, porque as mais são falsas, principalmente as dos padres da Companhia —

« Deus guarde a v. ex.ª — Bibliotheca Publica de Nova Góa, 20 de setembro de 1803 — Ill.ºº e Ex.ºº Sr. Conselheiro Secretario Geral do Governo — O Bibliothecario, J. A. Ismael Gracias.

DIABRURAS SANTIDADES E PROPHECIAS ¹

FADAS, FEITICEIRAS E BRUXAS

O assumpto d'este capitulo presta-se tambem a longas dissertações: faremos, porém, diligencia de o resumir o mais possível, seguindo os auctores de melhor credito.

As *fadas* são encantos, de corpo gentil, rosto formoso, olhar meigo e cabellos cor de ouro. Representam o genio do bem.

No mesmo caso poderemos considerar as *moiras encantadas*, que pertencem á mythologia peninsular. São tambem lindezas, que apparecem geralmente nas fontes, e com a sua formosura seduzem os mortaes.

As *feiticeiras*, de extrema belleza mas com mau instincto, teem olhar vertiginoso, modos frios e retrahidos. Associadas com os espiritos infernaes, usam de muitas artimanhas para illudirem as pessôas ignorantes e fracas, incutindo-lhes pensamentos satanicos.

As *bruxas* e *mulheres de virtude* são quasi sempre velhas immundas, de aspecto repelente. Resmungam em rouquenho orações cabalísticas estropiando algum latinorio; mas para fazerem os sortilegios teem de pedir a intervenção do diabo.

Na Alemanha os feiticeiros usam vestuario especial, que os distingue. Quando exercem as suas profissões, paramentam-se com uma tunica de couro, coberta de idolos recortados em folha de Flandres, campainhas, aneis e cadeias do mesmo metal, e põem na cabeça um barrete alto com identicos ornatos e encimado por uma penna de mocho. O theatro das consultas mysteriosas são de ordinario as cavernas, allumiadas pela chamma de paus resinosos. Começam as suas funcções magicas pelo toque de um instrumento, semelhante ao tambor, acompanhado de campainhas, produzindo certa harmonia lugubre. Depois o feiticeiro aspira grande porção do fumo de tabaco, e, fazendo muitos tregetos e visagens, cahe por fim em lethargo. Neste estado considera-se inspirado para responder ás consultas, e havendo caso de doença, tambem se presta, por certa quantia ajustada, a combater o diabo, sahindo sempre vencedor e com vantagens positivas para o enfermo, segundo elles garantem.

Os feiticeiros para o meio dia da Europa são mais raros que as feiticeiras. O nosso dr. Braz de Abreu, no *Portugal Medico*, descreve-as magistralmente, dizendo: «... recebem o poder malefico das mãos de Satanaz e são suas emissivas. Das partes que roubam aos mortos fabricam uns pós, com os quaes infeccionam as hervas, os fructos, dançam a saude e provocam discordias. Espalhando os ditos pós pelo ar, nos cammbos, nas escadas, nas casas, nos futos, nas pias de agua benta, e as pessoas que os tocam não tardam em adoecerem, havendo muitos casos de morte.» Cita o mesmo auctor o insigne Torreblanca, que descreveu a mortalidade que por este motivo houve em Italia em 1633, dando causa ao decreto do Philippe IV de Castella, publicado em 7 de outubro do mesmo anno, impondo severo castigo a quem usasse ou introduzisse nos seus estados

aquella peste, e offerecendo grandes premios a quem descobrisse os auctores do terrivel maleficio.

Em Lisboa tomaram-se serias providencias para se não importarem do estrangeiro os taes pós que desenvolviam a peste, fiscalizando-se minuciosamente os navios que entravam a barra. Fr. Manuel de Lacerda, doctor e lente de theologia na Universidade de Coimbra escreveu: *Memoria e antidoto contra os pós venenosos que o demonio inventou, e por seus confederados espalhados em odio da christandade*. Impresso em Lisboa, 1631, 4.º de viii-178 pag.

Estas prevenções contra os pós confirmadas posteriormente pela doutrina do dr. Abreu, são prova de que um dos males que a humanidade mais deve receiar é o *morbus diabolicus*.

O dr. Braz de Abreu foi homem de grande conceito clinico, curando doentes na cidade do Porto e em Aveiro, reforçado com o titulo de familiar do Santo Officio. Por motivos particulares, separou-se amigavelmente da esposa e das filhas, e vestiu o habito de S. Francisco. Por esta forma ficou duplamente habilitado e quando não podia salvar o corpo do enfermo, encaminhava-lhe a alma para o paraíso.

Confirmada a sua theoria medica, acabando o diabo e toda a sua corte de diabretes, feiticeiras e outros perseguidores do genero humano, os filhos de Esculapio seriam os cidadãos mais bem quistos na sociedade; convidados indistinctamente para baptisados, casamentos e enterros, tendo apenas os encargos de receitarem os banhos do mar ás solteiras, as limonadas e as aguas thermaes ás casadas, os unguentos para callos ás velhas, e todos teriam a ventura de morrer saos e escorreitos, quando batesse a sua hora final.

As funcções satanicas são ás vezes exercidas pelos homens; mas como deixámos provado, á ultima evidencia, as mulheres são muito mais facéis de catechizar, ou hypnotisar pelo demonio, por nervosas, ou levianas. Já um antigo escriptor disse:

Quid levius fumo? Flamen:
Quid flamine? Venus:
Quid vento? Muller:
Quid muliere? Nihil.

Felizmente nem todas as balanças dão este resultado.

Uma das cerimonias mais solennes da feiticeira e da bruxaria é o invocar o diabo. A maga Celestina dizia assim: «Conjuro te rex Pluto, soberbo capitão dos espiritos damnados, e senhor dos sulfurosos fogos, que as cataratas igneas brotam!... Tua humilde escrava te conjura pela virtude d'estas letras vermelhas, escriptas com o sangue das corujas, e em papel feito com a peçonha das viboras.» Quando não era logo attendida empregava as ameaças... «Se me não satisfizes, cão tunhoso, serei tua inimiga capital, alumiearei os teus soturnos carcerees, chamar te hei mentiroso, e arrastarei o teu horrivel nome pelas ruas da amargura...»

Mas estes azedumes eram apenas valores entendidos para illudir os profanos, tal como se usa na politica parlamentar, e com taes armadilhas enganam os cegos da razão e perdem as almas, que é o fito de Satanaz.

A mimica que acompanha a invocação é sinistra... olhos em alvo com inculcas de inspiração, mãos abertas, braços estendidos. A voz dão som plangente, semelhante ao uivar do lobo ou ao guincho das aves nocturnas.

Se querem enfeiticar alguém pedem venia ao demo e repetem tres vezes: *Tenato, ferrato, andato, passe por baixo*, e a victima começa logo a sentir as terriveis consequencias.

Tambem recorrem ao poder de Proserpina, mulher do diabo, ás Eumenides, furias infernaes, ou a Cocyto, Acheronte, Phlegetonte, rios do inferno, etc.

As feiticeiras e as bruxas para adivinharem precisam o dom da dupla vista e servem-se da peneira (*sciscinomanzia*), atada a uma tenaz. Levantam-na com dois dedos, enquanto pronunciam os nomes de pessoas suspeitas de algum delicto e se a peneira oscilla a qualquer nome é esse o do individuo culpado.

Auxiliam-se tambem com a varinha, *virga divina*, ou *virga Moyses*, pela semelhança com a sua portentosa vara. Os hespanhoes chamam-lhe *varilla de virtude* e os portuguezes *varinha de condão*.

Estas escravas de Satanaz teem o Deus na bocca e o diabo no coração, e segundo dizia Santo

Agostinho com o mel das palavras santas encobrem o veneno do encanto.

Os meios de adivinhar são diversos e teem a sua nomenclatura technica. Assim, quando nas suggestões empregam a terra, chamam-lhe *geomancia*, o ar *aerimancia*, a agua, onde espalham na sua superficie o que interessa aos alucinados *hydromancia*, e quando o fogo, *pyromancia*. Neste ultimo caso lançam no brazeiro uma porção de enxofre em pó: se a chama sahe unida é *infelicidade*; se dividida em tres, *sucessos gloriosos*; se espalhada, *morte ou inferno ou doença ao saõ*; se tremula, *desgraça*; apagando-se de repente, *perigo eminente* etc.

Servem-se tambem da *buena dicha* ou *chyromancia*, adivinhação pelas linhas das mãos, e quando pelas unhas *onomancia*.

A *chyromancia* foi cultivada pelos augures na antiga Roma por forma especial. Aristoteles foi um dos mais celebres propagadores. Na idade média os bohemios especularam muito com a leitura da *buenadicha*, e preferiam sempre o horoscopo da mão esquerda, considerado infallivel por ser do lado do coração. Aberta a mão do pobre crente tiravam induções da disposição das linhas, que partem da base dos dedos e terminam nas grandes linhas transversaes, e no seu cruzamento é que diziam estar o presagio.

No fim do seculo xvii a arte de adivinhar o futuro foi decahindo de importancia, principalmente depois da morte de Desbarroles, o mais espirituoso chyromante que se tem conhecido.

Nos ultimos annos do seculo passado tomou a arte maior incremento, appareceram novos adivinhos apregoando a infalibilidade do horoscopo; e admira que tal mania se vá hoje desenvolvendo quando o realismo parece ser a idéa predominante.

No reinado de D. João V tornaram-se notaveis, pelos seus sortilegios as feiticeiras Rastholha, Isabel da Natividade, da Moita mas residente em Alcaccer do Sul, as irmãs Salemas, mulatas de Setubal, e outras.

Ainda ha quem consulte a *buenadicha*, lida ordinariamente pelas ladinas ciganas, que vagueiam andrajosas nas feiras e mercados, cavalgando bestas lazarentas e estropiadas, e bivacando junto aos povoados. É uma raça de párias com typo caracteristico e repelente á civilização, e teem como industria tosquiarem burros, negociarem cavalgaduras aleijadas e enfermas, sempre sem escrupulo e com má fé, rapinando o que podem.

A chyromancia tambem andou ligada com a astrologia, por isso dão ao dedo polegar o nome de Venus, ao anelar o de Apollo, ao médio o de Saturno, etc.

A interpretação dos vaticinios, dizem os mestres na arte, é difficil, e precisa-se estar bem iniciado para se tirarem deducções exactas.

Seria espinhosa a tarefa de compendiar n'este opusculo todos os processos que a magia branca e preta tem empregado para conhecer do passado, interpretar o presente e adivinhar o futuro.

(Continúa)

A. C. Teixeira d'Aragão.



REVISTA POLITICA

No dia 23 proximo deve chegar a Lisboa uma commissão que vem do Porto, entregar a El-Rei uma mensagem, pedindo ao Chefe do Estado que continúe a inspirar-se unicamente nos verdadeiros e superiores interesses da nação para que ella seja bem governada, etc.

Esta mensagem contendo proximo de 12:000 assignaturas de capitalistas, commerciantes, proprietarios e industriaes, é evidentemente uma manifestação e um aplauso á resposta que El Rei deu á commissão progressista, quando esta foi ao paço representar contra o adiamento da abertura das côrtes, assim como um protesto contra a reunião que o mesmo partido celebrou no Porto, nas Portas do Sol.

Amor com amor se paga. E admittindo que cada um mette a unha que tem, não pôde deixar-se de reconhecer que d'esta vez os progressistas apañaram uma unhada mestra.

Como, porém, a nossa imparcialidade politica não nos permite apaixonar-nos por uns ou por outros, ainda estamos para ver que tal será a unhada que os progressistas por sua vez ferrem no governo, e d'aqui a pouco começarem a chover mensagens a El-Rei de uma parte e da outra, assignadas até pelos que não souberem escrever, pois a calcular pelo crescido numero de assigna-

¹ Vid. «Publicações», a pag.

turas que será preciso reunir, em breve se esgotará o número de indivíduos que possuem a prenda de escrever, o que não impede de muitos analfabetos também terem opiniões sobre as coisas da política.

As mensagens para terem efeito devem supplantar umas as outras em numero de assignaturas e n'estes casos é de prever as difficuldades em que os influentes se vão vêr para alcançarem o maior numero, a não serem que muitos assignem de uma parte e da outra, o que muito bem pode acontecer.

Em tudo a superioridade das cifras é o grande argumento, o que nos faz lembrar aquelle descarado gatuno, que sendo accusado de uma gatunice, a negava obstinadamente perante o juiz.

— Então você nega, que praticou esse roubo, quando estão aqui presentes vinte testemunhas que o viram você praticar o, observa-lhe o juiz. E o gatuno muito lampeiro respondia:

— Sim senhor estão aqui vinte testemunhas, que dizem me viram praticar o roubo, e eu posso apresentar ao senhor juiz vinte mil que não viram!

Serra era de um effeito pouco visto e sobre tudo assaz pittoresco.

Pois toda esta belleza e todo o elevado das cifras não reduziram o governo á obediencia dos manipuladores de pão, e quando o mesmo governo se resolveu a verificar a exactidão dos numeros annunciados pelo general Mendonça, mandando á serra uma força da municipal e outra da policia sommar as unidades, encontraram mil e tantos *grevistas* dos quaes 287 eram gallegos.

Ora, nós, sempre ouvimos dizer ao povo que duzentos gallegos não valem um homem. e d'este modo verifica-se que o numero ainda era mais pequeno.

Levantado o acampamento da serra de Monsanto e dispersos os *grevistas* foram qual enxame de abelhas pousar na costa de Caparica, e logo correu a noticia que estavam lá mais de 2:000.

Vamos a verificar os numeros disse de novo o governo e enviou para ali outra força da municipal para sommar as unidades, e d'esta vez só chegou a 119 que trouxe para Lisboa.

E eis a que ficou reduzida toda a arithmetica do



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diabruras, Santidades e Prophecias por A. E. Teixeira de Aragão, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Por ordem e na typographia da Academia Real das Sciencias, 1894. Um vol. de 150 paginas in 8.º e 1 de indice, com XII de anterosto, frontespicio, dedicatória ao sr. conselheiro Manoel Pinheiro Chagas com uma carta do auctor e outra carta do sr. Manoel Pinheiro Chagas.

É extremamente interessante este livro, despretenciosamente escripto, «fragmentos da comedia humana, sendo muitos transcriptos de documentos originaes» como diz o seu auctor na carta que dirige ao sr. conselheiro Manoel Pinheiro Chagas.

EXPOSIÇÃO DAS OBRAS DE SILVA PORTO



MACIEIRAS EM FLOR — QUADRO DE SILVA PORTO

É tudo questão de cifras.

O mesmo succede com a curiosa greve dos manipuladores de pão que acaba de se dar em Lisboa.

Esta greve principiou em uma pequena casa da rua de S. Bento, sede da associação dos manipuladores de pão, onde mal poderiam caber cinquenta pessoas, mas o diabo das cifras metteram-se logo na dança e elevaram o numero dos *grevistas* a 2:000. Escudados com este respeitavel numero, pensaram reduzir á obediencia o senhor ministro do reino, para que fosse revogada a nova postura da camara, que obriga os vendedores de pão a munirem-se de um cartão de identidade, afim de acabar com os ludibrios que todos os dias se estão dando com os moços de padeiro multados por falta de peso no pão que vendem.

Mas d'esta vez as cifras não produziram effeito e o governo não se reduziu á obediencia, mandando-os amassar pão para depois os attender.

Como reconhecessem que o numero ainda não era sufficiente, os *grevistas* foram á serra, isto é, foram para a serra de Monsanto e então ali é que as cifras principiaram a crescer a crescer que de uma hora para a outra centuplicavam pasmosamente attingindo em poucas horas mais de 6:000 *grevistas*, todos manipuladores de pão.

Seis mil era importante, com uma bandeira e um general, um tal Mendonça, tudo no cume da

general Mendonça, que desapareceu logo que lhe farejou a policia, exactamente como o rato quando presente o gato.

Pelos modos lá tinha as suas razões para isso.

Chamamos curiosa á greve e de facto foi, porque sendo motivada pela responsabilidade que se exigia aos moços de padeiro, sobre o peso do pão, e não querendo elles essa responsabilidade por se queixarem que os patrões é que lhes não dão o peso ao pão, acontece que os patrões estavam protegendo os *grevistas* mandando-lhe viveres e dinheiro para se governarem.

E' curioso, pois não é?

Até nos lembra aquelle dito do padre José Agostinho de Macedo.

Um dia vinha o padre José Agostinho de Macedo pela rua do Arsenal, em direcção ao Terreiro do Paço e encontrou um amigo que se dirigia para o Caes do Sodré.

N'aquella occasião ia grande ajuntamento no Caes do Sodré e dirigia-se para lá muito povo, o que deu curiosidade ao amigo de perguntar ao padre se sabia a causa de tão grande ajuntamento.

Macedo, despreocupadamente respondeu:

— Não é nada. São os ladrões grandes que estão a enforcar os ladrões pequenos.

De facto eram umas execuções que se estavam fazendo no Caes do Sodré.

João Verdades.

Curiosidades de outros tempos, que o sr. Teixeira de Aragão foi encontrando nas suas investigações de bibliothecas, para outros trabalhos de mais folgo que tem dado á estampa, e que achou bem reunir em livro, como subsidio historico e critica do passado, com que sempre ganha o futuro.

Sobre este assumpto nada se tem escripto entre nós, de que tenhamos conhecimento, e por isso o livro do sr. Aragão offerece novidade e interesse.

Por motivos alheios á nossa vontade, não podemos em tempo publicar no OCCIDENTE alguns capitulos d'este livro que o seu auctor muito obsequiosamente nos offereceu, mas agora que elle está publicado, não resistimos a transcrever alguns capitulos, resgatando-nos assim da falta em que incorremos, e proporcionando aos nossos leitores algumas columnas de prosa interessantissima.

Ao sr. Teixeira de Aragão agradecemos a amabilidade da offerta do seu livro e pedimos a divina venia para a transcrição que vamos fazer n'outro logar do nosso periodico.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.